

Editorial

## Escuta



A escuta, sentido privilegiado no ofício do psicanalista, foi também o foco de um trabalho da artista canadense Janet Cardiff, que tomo aqui como introdução e convito ao leitor para este novo número de *Calibán*.

Na instalação *The forty part motet* (2001), 40 alto-falantes dispostos em forma oval em uma sala evidenciam, cada um deles, uma das 40 vozes de um coral que entoia o moteto *Spem in alium*, peça polifônica escrita por Thomas Tallis em 1573, para oito corais de cinco vozes cada um. A ideia de Cardiff é que o público, ao se mover entre esses 40 alto-falantes, possa ter a experiência de estar intimamente conectado a cada uma das vozes separadamente. Assim, a peça musical se torna uma construção em constante transformação. Ainda, nos diz a artista, fica nítido como o som pode fisicamente construir um espaço de forma escultural e como uma pessoa pode escolher um caminho através desse espaço físico, mas virtual, e ouvir uma voz de cada vez, ou todas juntas, ao postar-se no centro dessa elipse de alto-falantes. O moteto, do francês *mot* (palavra), é uma forma musical polifônica, literária, em que várias vozes, cada uma com um texto diferente, se unem num mesmo canto, às vezes com dois ou mais idiomas numa mesma obra.

A experiência de ouvir uma voz mais intimamente, destacada entre as demais, tendo ao fundo o som de todo um coral, me levou para o espaço da sala de análise, quando, entre tantos sons, um deles, uma palavra, um silêncio, uma respiração diferente sobressai e ganha um significado particular, transformando o ritmo de uma sessão.

Freud, com um “olhar” atento para as artes, muito sensível para a literatura e a escultura, que tinham sobre ele um poderoso efeito, dizia não sentir o mesmo em relação à música. Incomodava-o sentir-se comovido por algo sem que soubesse o porquê, e o que o comovia (Freud, 1914/2012).

No entanto, não teria uma musicalidade o que se compõe em uma sessão de análise? A música das palavras (co)moveu Freud e comove a nós, analistas, que continuamos seu trabalho. Dispostos, quase sempre, de uma maneira específica em uma sessão de análise, no espaço particular criado por um divã e uma poltrona, paciente e analista não se veem, não se tocam, apenas se escutam, e do silêncio no início da sessão evidencia-se o discurso. A palavra, mas também a voz, sua entonação, timbre, ritmo são elementos que a escuta do analista singulariza. Da desconstrução do discurso do analisando, dessa música, o analista toma algumas notas, alguns acordes que ao vibrar conectam intimamente as duas vozes que ali soam, cada uma em seu tom próprio.

*Des-construções e transformações*, tema deste número da revista e do XXXII Congresso de Psicanálise da Fepal, ocorrem a cada pequeno instante dentro da sessão de análise e numa escala maior dentro do próprio movimento psicanalítico. Freud, em vários momentos de sua obra, retoma conceitos e os reconstrói a partir de novas percepções que lhe surgem de seus pacientes. A visão das histéricas em *Salpêtrière*, em seus corpos plásticos, desconstruídos, transformou o olhar de Freud, que navegou da neurologia para essa nova disciplina, uma forma de escuta, sempre em construção até o momento de sua morte, aos 83 anos.

A percepção do mundo móvel e flutuante que nos habita, em contrapartida ao positivismo de um pensamento linear, quebra a ideia do homem como um ser já pronto e nos leva à angústia de transformações que vivenciamos constantemente no efêmero do caminho pela vida.

Assim, psicanalistas que seguiram o fundador da psicanálise, Ferenczi, Klein, Winnicott, Bion, Lacan, Laplanche, Pontalis, Green, para citar apenas alguns, com suas vozes particulares a partir de uma teoria em desconstruções criativas, puderam ampliar e dar espaço à complexidade que caracteriza o pensamento psicanalítico.

Nos textos dos autores que aceitaram nosso convite para pensar o tema, encontramos a tensão dos conceitos e a possibilidade de expor dúvidas que as transformações impõem, quando tratamos de ideias fluidas sem a rigidez das certezas. O lugar subversivo que privilegia o possível conflito, o desejo singular, é mantido pela psicanálise, que desponta das páginas de *Calibán* e se faz ouvir em **Argumentos**, seção que se detém no tema.

A vivacidade de um trabalho quase jornalístico, com um forte tom testemunhal, nos chega por Miguel Calmon du Pin e Almeida, que nos conduz, por uma rica correspondência institucional, ao centro do furacão que neste momento ocupa uma grande parte das discussões da IPA. Ao expor os meandros da instituição à qual pertencemos como psicanalistas, reedita discussões existentes desde a sua criação. Uma velha questão recebe aportes novos: com quantas sessões se faz uma psicanálise?

A atualidade dessa indagação nos sugere pensar nas desconstruções necessárias para que possamos ser psicanalistas do nosso tempo. Tempo este também desconstruído que vivemos no *flash* de uma sessão de análise. Por quantas vidas podemos transitar no espaço de 50 minutos? De quantos espaços de 50 minutos por semana necessitamos para estabelecermos uma intimidade que nos permita o encontro reflexivo do espaço e tempo analíticos?

Em um painel realizado na APA em 17 de novembro de 2017, quatro psicanalistas debateram sobre “o como da interpretação nos tratamentos analíticos de uma vez por semana”. Esse debate, com todo o frescor de um diálogo livre, está reproduzido em *Calibán*, como pensamento vivo em construção.

A mesma construção se mantém em relação aos conceitos que suportam nossa disciplina, quando um mesmo conceito chave do ideário psicanalítico – recalca-mento primário – é dissecado em dois textos que caminham por diferentes veredas buscando ancorar suas ideias.

Um grupo de psicanalistas da SBPSP, a partir de um olhar desconstrutivo como descrito por Derrida, trabalha o que está ainda impensado no conceito de recalca-mento primário de Freud, passando por Lacan, Laplanche e Green, numa abertura que se afasta da impossível síntese, alheia à psicanálise.

Do Uruguai, a voz de García Castiñeiras, num trabalho de fôlego, elabora o mesmo conceito de recalca-mento primário, passando pela sua história nos escritos freudianos, alcançando Lacan, e, numa leitura pessoal, observa a repressão primária como “escritura erógena do corpo ou coreografia inconsciente”, que se faz ligada à ideia de fixação, inibição e dor.

Todos esses movimentos podem ser percebidos ainda na microscopia de uma sessão. Caminho tomado por Zárate ao explorar as desconstruções e necessárias transformações que tornam possível ao analista e ao paciente sustentar a angústia, matéria básica do humano, da psicanálise e da arte, que, talvez por isso, tão frequentemente se associem. Assim acontece no texto de Juan Eduardo Tesone, que não somente escuta, mas “vê” a palavra. Como uma formação complexa, a palavra é construída não só por seu efeito sonoro, mas também por sua imagem, sua consistência quase palpável. O autor traça em seu texto uma relação entre o setting analítico e uma tela em sua moldura.

Perguntamos, então, com que matéria se faz um psicanalista?

A essa pergunta sem resposta possível, ousou contrapor uma ideia que tomo emprestada de Leopoldo Nosek (2017), não por acaso idealizador desta revista que o leitor tem em mãos: um psicanalista se faz na “disposição para o assombro”. Somos psicanalistas na disposição para o novo que nos invade, para o outro que atravessa a porta do nosso espaço íntimo. Está aí a psicanálise.

É esse o mote da seção **Vórtice**: ouvir diversas vozes em torno de temas que nos assombam no calor da clínica. Não é diferente o que lemos neste número de *Calibán* que leva o vórtice à desconstrução e a transformações da sexualidade, à “Sexualidade curva”, como a denomina Jorge Kantor, e pela qual os autores da seção se embrenham. Saindo do aparentemente conhecido, é o psicanalista que necessita desconstruir teorias e se permitir surfar por águas ruidosas, mantendo livre sua escuta, evitando o binarismo reducionista e vivendo as transformações que o mundo nos impõe.

Assim fizeram os nossos pioneiros, dos quais Julio Aray, da Venezuela, tem aqui seu percurso revisto por Paulo Polito. Um dos temas que Aray se dedicou a estudar, o aborto, é, no momento atual, o motivo de um forte movimento das mulheres argentinas, uma grande parte delas adolescentes, que encampam uma luta para a liberação do aborto, para a escritura erótica do próprio corpo.

O gesto de levante dessas mulheres certamente teria lugar na exposição *Levantes (Sublevaciones)*, Buenos Aires, 2017<sup>1</sup>, de Didi-Huberman, que, quando em Buenos Aires como curador da exposição, estabeleceu com Mariano Horenstein um diálogo que publicamos em **Textual**. Em uma conversa travada em línguas próprias – Didi-Huberman em francês e Mariano em espanhol – o psicanalista e o historiador de artes, estrangeiros um para o outro, se aproximam pelas diferenças. Um moteto? Ou, talvez, como em uma frase de Didi-Huberman: *colisões e conjunções de tempos heterogêneos*.

Os tempos que se cruzam seguem em *Calibán* em **O Estrangeiro**, no trabalho de Fredi Casco, artista visual paraguaio que, em imagens enevoadas, evoca um tempo fora do tempo, no qual as transformações feitas em antigos retratos explicitam sentimentos e abrigam dúvidas.

Poderia ser essa a grande arte? Aquela que faz do invisível não o totalmente visível, mas algo velado que mantenha o mistério e proponha a busca, permita o desejo?

Os artistas, desde o primeiro número de *Calibán*, têm partilhado as páginas da revista com os psicanalistas. Cedem-nos sua arte iluminando com imagens nossas palavras.

Nesta edição, o **Dossiê** foi construído como uma homenagem, um agradecimento aos artistas em *Calibán*, que, com sua arte, nos “ilustraram”, com todos os significados que essa palavra comporta. De cada um, trazemos uma pequena apresentação e uma imagem de um de seus trabalhos publicados na revista: sua marca, sua micro história em imagem.

Essa interseção que ocorre nas páginas de cada número de *Calibán*, neste se faz com o artista plástico chileno Eugenio Dittborn, construtor da imagem de nossa capa.

Freud, apreciador e colecionador de objetos de arte, pequenas esculturas, tem, nas duas casas em que viveu como psicanalista, expostas, as peças de arte que recolheu e das quais foi guardião em vida.

1. *Sublevaciones*, exposição com curadoria de Didi-Huberman, de 21 de junho a 27 de agosto de 2017, Muntref, Centro de Arte Contemporânea, Buenos Aires. No Brasil, a mesma exposição, *Levantes*, aconteceu de 19 de outubro de 2017 a 28 de janeiro de 2018 no Sesc Pinheiros, em São Paulo.

Nessas duas casas, hoje museus, as exposições que lá acontecem as vivificam. As curadoras do Museu Freud de Viena, Monika Pessler, e Joanne Morra, do Museu Freud de Londres, contam como essas exposições criam interferências nos espaços dos museus e como esses espaços fazem parte da construção das obras, transformando seu sentido. Dessa maneira, não só as casas, hoje museus com a história de Freud, mas também a psicanálise continua sua história em transformação.

*Calibán*, uma composição polifônica construída a várias vozes, representa um pensamento psicanalítico atuante, sujeito às questões que nos envolvem e nos penetram como psicanalistas do mundo em que vivemos.

Enquanto escrevo esta apresentação, somos tomados pela contundência de Donald Trump, que, sob olhares de espanto, ao tentar impedir a entrada de imigrantes latinos, decide separar as crianças das famílias desses imigrantes ilegais e alojá-las em celas. Assombradas pelo mal que marca esse gesto mortífero, a Fepal e a IPA manifestam seu protesto, representando a voz de todos nós, psicanalistas. Ao mesmo tempo, em outro espaço, como tem acontecido a todo momento, um barco, *Aquarius*, com cerca de 600 refugiados vindos da Líbia, vagou por vários dias por mares europeus à espera de que algum país lhe permitisse aportar. Das 600 pessoas, quantas terão chegado vivas a algum destino?

Do que se vai em busca nesse tão idealizado Norte? Muitas vezes, espaços tão desconstruídos por barbáries, fome, dor impõem tentativas de transformações que, ainda que difíceis e sempre incertas, são o possível para se alcançar alguma vida.

Como psicanalistas, tomamos parte da história do nosso tempo, no mundo que habitamos. Poderemos construir uma psicanálise para estes tempos que se sustente com a mesma força com a qual se originou, há pouco mais de um século?

Que você, nosso leitor, possa tomar *Calibán* como uma voz que lhe permita criar contrapontos.

**Raya Angel Zonana**  
Editora chefe - *Calibán* - RLP

## Referências

Cardiff, J. (2011). Recuperado de <http://www.cardiffmiller.com/artworks/inst/motet.html>. Acessado em 18/06/2018.

Freud, S. (2012). O Moisés de Michelangelo. In *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

Nosek, L. (2017). *A disposição para o assombro*. São Paulo: Perspectiva.